



**Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu*  
Especialização em EJA**

*Campus Nilópolis*

Luana Machado Florindo

**RODAS DE LEITURA: PRÁTICAS DE LETRAMENTO NA  
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Nilópolis/ RJ  
Novembro/ 2017

Luana Machado Florindo

**RODAS DE LEITURA: PRÁTICAS DE LETRAMENTO NA  
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia *Campus* Nilópolis, como requisito para obtenção do título de Especialista em Educação de Jovens e Adultos.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Sandra da Silva Viana  
Coorientador: Prof. Ms. Rony Pereira Leal

Nilópolis/ RJ  
Novembro/ 2017

## RODAS DE LEITURA: PRÁTICAS DE LETRAMENTO NA EJA

Luana Machado Florindo<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho buscou analisar a importância das rodas de leitura diárias na Educação de Jovens e Adultos (EJA), bem como refletir sobre o papel do professor, enquanto mediador de leituras, na formação desses educandos. Neste sentido, as ideias de Paulo Freire corroboraram para um entendimento maior do que vem a ser esta modalidade de ensino, assim como as especificidades que a envolvem. Desenvolvido como um estudo de campo em uma escola municipal de Mesquita, na Baixada Fluminense, utilizou-se como ferramenta para a pesquisa o relato de experiência. Procurou-se, assim, verificar, não apenas a(s) maneira(s) como o leitor interage com o(s) texto(s), mas também observar como o professor o(s) dinamiza; os materiais de leitura que seleciona para as suas aulas; e os debates que se constituem a partir dessas leituras. Desse modo, investigou-se como os aspectos ideológicos, sociais e históricos influenciam a leitura, e como os conhecimentos prévios contribuem para o entendimento do texto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação de Jovens e Adultos; Rodas de leitura; Letramento; Sujeitos da EJA.

**ABSTRACT:** The present work sought to analyze the importance of the daily reading wheels in the Education of Young and Adults (EYA), as well as to reflect on the role of the teacher, as mediator of readings, in the formation of these students. In this sense, the ideas of Paulo Freire corroborated for a greater understanding of what this teaching modality is, as well as the specificities that involve it. Developed as a field study at a municipal school in Mesquita, in the Baixada Fluminense, participatory observation was used as a research tool. It was therefore sought to verify not only the way (s) as the reader interacts with the text (s), but also to observe how the teacher dynamizes it; the reading materials you select for your lessons; and the debates that build up from these readings. In this way, we investigated how ideological, social and historical aspects influence reading, and how previous knowledge contributes to the understanding of the text.

**KEYWORDS:** Young and Adult Education; Reading wheels; Literature; Subjects of the EYA.

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho se apresenta como uma reflexão acerca das contribuições da roda de leitura como instrumento didático-metodológico na formação integral dos sujeitos da

---

<sup>1</sup> Licenciada em Letras pela UFRRJ. Especialista em EJA na Diversidade e Inclusão Social pela UFF. Professora dos Anos Iniciais da EJA na Prefeitura Municipal de Mesquita/ RJ.

Educação de Jovens e Adultos (EJA). Neste sentido, busca analisar as práticas de rodas de leitura desenvolvidas diariamente em uma escola municipal de Mesquita, na Baixada Fluminense.

Embora existam muitos programas de incentivo à leitura no país, atualmente, grande parte deles restringe seu escopo ao público infantil, sobretudo no período da alfabetização. Daí a relevância deste trabalho, que busca analisar o potencial pedagógico desta atividade de leitura literária no processo de ensino-aprendizagem de jovens e adultos, na perspectiva do letramento.

Neste sentido, compreendo **letramento** na perspectiva apresentada por Soares (2010, p. 24), que o concebe como a prática da valorização, apropriação e reconhecimento do potencial intercomunicativo do código linguístico, a despeito de se possuir proficiência com relação ao mesmo. Nestes termos, destaca a autora:

Um indivíduo pode não saber ler e escrever, isto é, ser **analfabeto**, mas ser, de certa forma, **letrado** (atribuindo a este adjetivo sentido vinculado a *letramento*). Assim, um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas, se vive em um meio em que a leitura e a escrita têm presença forte, se se interessa em *ouvir* a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se recebe cartas que outros leem para ele, se *dita* cartas para que um alfabetizado a escreva (e é significativo que, em geral, dita usando vocabulário e estrutura próprios da língua escrita), se pede alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esse analfabeto é, de certa forma, **letrado**, porque faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e de escrita.

Com base nestes apontamentos, considero importante destacar que uma de minhas principais motivações para a realização desta pesquisa foi perceber, enquanto professora da EJA, a dificuldade de muitos professores desta modalidade em trabalhar o ensino de leitura junto a tão heterogêneo público. Isto se torna especialmente grave ao se considerar a centralidade do seu papel, como leitor-guia e mediador de leituras, para a formação desses educandos. É a ele que caberá selecionará os materiais de leitura, respeitando as particularidades, dúvidas, necessidades e anseios, aproximando os textos da realidade dos alunos da EJA, para provocar-lhes o prazer de ler.

Por outro lado, o desinteresse dos alunos pelo ato de ler tem proporcionado reflexões acerca das práticas de leitura realizadas na escola. Isto se dá porque, geralmente, a leitura é vista como simples decodificação, em um processo incapaz de despertar junto aos alunos o interesse e, conseqüentemente, o prazer que a leitura tem para oferecer. Como agravante, a escassez de material pedagógico tende a provocar dificuldades no planejamento das atividades docentes, impedindo que se atenda de modo satisfatório às especificidades dessa modalidade de ensino.

Através da análise dos registros das atividades desenvolvidas nas rodas de leitura, na qual foram privilegiados os aspectos qualitativos, investigou-se de que forma(s) tais práticas

podem vir a contribuir para o trabalho desenvolvido por professores em sala de aula da EJA, contribuindo para o fomento da discussão em torno da leitura, principalmente das rodas de leitura diárias voltadas para a educação de jovens e adultos. Portanto, o presente estudo, tendo por base a observação de como a roda de leitura possibilita a construção do conhecimento acerca de si e do mundo aos sujeitos da EJA, visou a apontar elementos que pudessem estimular o desenvolvimento de práticas de leitura, nesta e nas demais níveis de ensino.

## 2. LETRAMENTO LITERÁRIO NA EJA

Se o conhecimento que o indivíduo tem não o faz se relacionar de maneira satisfatória com o mundo à sua volta, de nada adiantará esse conhecimento, uma vez que ler está para além da pura decodificação de um texto. Na verdade, ler é algo muito mais amplo e não se restringe ao que está no papel. Lê-se um filme, uma peça teatral, uma exposição, uma imagem, uma música, acontecimentos etc.

O que falta à escola para que esta se torne um espaço mais significativo para os educandos é a conexão entre o conhecimento e a vida. É exatamente neste sentido que a escola precisa trabalhar com a leitura. O ensino de leitura deve mover os alunos para o senso crítico dos fatos, para a inquietude da vida, para o reconhecimento do real.

Magda Soares afirma que estar alfabetizado não é pré-requisito para o letramento, que é a capacidade de ler o mundo e os seus diversos sinais, entender e interagir de maneira consciente nesse mundo que a todo momento se transforma. É possível que uma pessoa não saiba ler e escrever, mas conheça as funções da escrita e da leitura e de alguma forma faça uso dessas “tecnologias”. Neste sentido, tudo ao nosso redor passa a ser um “texto” que precisa ser “lido” para a compreensão da vida.

Efetivamente, à medida que o diálogo se estabelece no espaço escolar, novos desafios surgem e levam os educandos a (se) pensarem mais. A valorização da participação de todos é aumentada; os conflitos diminuem; os alunos se sentem mais seguros. O conhecimento se partilha e se constrói.

O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é *dialógica*, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam *epistemologicamente curiosos*.

Neste sentido, o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do *movimento* de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma “cantiga de ninar”. Seus alunos *cansam*, não *dormem*. Cansam porque acompanham

as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas. (FREIRE, 1996, p. 96)

A escola deve, então, se preparar melhor para acolher os que ficaram à margem. O que se lê na escola, muitas vezes, não corresponde ao que se lê fora dela. Esse desencontro faz com que os alunos não consigam trabalhar com a funcionalidade da leitura e da escrita. Para isso, deve refletir sobre os “treinos” de leitura, exercícios de fichamento, repetição de ideias e outras atividades que acabam tolhendo qualquer vontade de ler.

Para além do aspecto funcional, é importante que se traga também a experiência de ler pelo simples gosto de ler, para somente admirar e se deliciar com a estética literária, sem cobranças, sempre adequando as dificuldades de tal gênero ao nível de compreensão do público-alvo. É novamente Paulo Freire quem nos convida a refletir sobre a importância de uma “leitura significativa do mundo”:

Na medida, porém, em que me fui tornando íntimo do meu mundo, em que melhor o percebia e o entendia na “leitura” que dele ia fazendo, os meus temores iam diminuindo.

Mas, é importante dizer, a “leitura” do meu mundo, que me foi sempre fundamental, não fez de mim um menino antecipado em homem, racionalista de calças curtas. A curiosidade do menino não iria distorcer-se pelo simples fato de ser exercida, no que fui mais ajudado do que desajudado por meus pais.

E foi com eles, precisamente, em certo momento dessa rica experiência de compreensão do meu mundo imediato, sem que tal compreensão tivesse significado malquerenças ao que ele tinha de encantadoramente misterioso, que eu comecei a ser introduzido na leitura da palavra. A decifração da palavra fluía naturalmente da “leitura” do mundo particular. Não era algo que se estivesse dando superpostamente a ele.

Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos; o meu giz (FREIRE, 2003:23-25).

Nesse relato, Freire, de maneira poética e singela, chama a atenção para a beleza que existe na leitura a partir do mundo ao redor, e de como essa experiência torna-se marcante e relevante. Esse discurso exemplifica o quanto uma aprendizagem significativa e contextualizada permanece de maneira positiva para quem usufrui desses momentos, promovendo-se, assim, o letramento literário destes sujeitos.

Entendido como um processo contínuo de apropriação da literatura na construção de sentidos, ele pode contribuir mais e melhor na formação do educando como um todo. Muitas vezes, um texto literário tem a capacidade de colocar a vida de uma pessoa diante dela, que consegue, através daquela narrativa, atribuir significados ao que viveu ou vive, passando a conhecer melhor a si e ao mundo.

### 3. DAS LEITURAS DOS TEXTOS ÀS LEITURAS DOS MUNDOS

A prática das rodas de leitura sempre foi uma constante em meu trabalho com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Eram um momento bastante aguardado entre elas. O suspense era o combustível que as impulsionava a estar naquela roda. Tudo era marcado por muita euforia e ansiedade: “Qual será o texto, o livro que a professora vai ler hoje?”. Uma ocasião séria, mas também de muita alegria e descontração, em que as crianças se sentiam muito à vontade. Elas se sentavam no chão, se debruçavam umas sobre as outras... era, de fato, muito prazeroso para elas.

No entanto, quando iniciei meus trabalhos com a EJA, a roda de leitura não me acompanhou. Num primeiro momento, tudo era muito novo para mim. Tratava-se de um grupo desconhecido, do qual eu ainda não havia recebido nenhum tipo de (in)formação anterior.

Ainda que eu gostasse de iniciar minhas aulas lendo, na EJA eu tinha receio em propor uma roda de leitura, e os alunos acharem aquilo infantil demais. Lembrava-me do primeiro conselho recebido, quando cheguei à escola, para lecionar para os jovens e adultos: “Cuidado para não infantilizar os alunos, eles não gostam que os tratem como crianças”. Então, eu mantinha a formação das carteiras em fileiras, e lia alguma coisa. Às vezes, até debatíamos alguns temas, mas eu sempre me sentia muito insatisfeita, porque percebia que a leitura era uma prática eventual e quase que mecânica nestas ocasiões.

Certo dia, resolvi fazer algo diferente, e decidi me arriscar com a roda de leitura. Eu queria que eles tivessem a oportunidade de olhar uns para os outros e se sentirem mais à vontade. Queria me aproximar mais deles e retirar um pouco daquele formalismo que, muitas vezes, mais afasta do que aproxima.

Quando os alunos chegaram e viram as cadeiras em formação circular, pude perceber que isso já causou um certo impacto. Expliquei-lhes, então, o porquê da roda. Conte-lhes que essa prática era antiga; que, na Grécia, muitos autores, para divulgarem suas obras, reuniam-se em espaços públicos e faziam a leitura de seus textos. Que pouquíssimas pessoas sabiam ler nessa época, e que, por isso, precisavam de um leitor para compartilhar as leituras. Que muitas famílias, até bem pouco tempo, tinham por costume se reunir em roda para contar histórias, lendas e mitos da cultura popular.

Para minha surpresa, descobri que a leitura coletivizada não era novidade para muitos deles. Muitos relataram já terem participado de círculos de leitura e estudo da Bíblia em suas igrejas. Mesmo educandos em processo de alfabetização já haviam tido esse contato com estas

práticas. Alguns relataram, inclusive, que tiveram a oportunidade, nessas reuniões, de ler e fazer explanação dos textos lidos. No entanto, confessaram que, na maioria das vezes, se recusavam a participar, pois tinham muitas dificuldades, não conseguindo ler fluentemente. Com este cenário em mente, tive a certeza que estava no caminho certo.

Antes, nas aulas, era comum formarem-se grupos em círculo para o desenvolvimento de determinadas atividades. Contudo, estes eram desfeitos, logo em seguida. Depois daquele dia, a roda permaneceu, passando a fazer parte do cotidiano da sala de aula e se tornando o fio condutor de tudo o que seria partilhado, a cada noite. Assim, a roda de leitura com os jovens e adultos se tornou um elemento de mudança no meu trabalho, e o começo de grandes experiências de leitura na EJA.

As rodas de leitura são uma prática diária que deveria ser incorporada à rotina de aulas da turma. No entanto, compor uma rotina não significa reproduzir uma sequência de procedimentos rígidos, mecânicos que podem levar ao enfado, ao desinteresse. A roda é um caminho utilizado para trazer o educando para o maravilhoso mundo de ler. A leitura é essencial para alargar os horizontes e aumentar as perspectivas de futuro, porque, quando entendemos o mundo ao nosso redor, passamos a entender a nossa importância nesse mundo. Neste processo, inclusive, o leitor pode vir a adquirir conhecimentos não previstos.

A leitura nos aproxima da cultura, ou melhor, de múltiplas culturas e, neste sentido, sempre é uma contribuição essencial para a cultura própria do leitor. Talvez pudéssemos dizer que na leitura ocorre um processo de aprendizagem não-intencional, mesmo quando os objetivos do leitor possuem outras características, como no caso de ler por prazer (SOLÉ: 1998, p.46).

A nova organização da sala de aula também favoreceu a formação do hábito de ler. A formação em círculo, em roda, busca promover um espaço de horizontalidade, onde todos os envolvidos ocupem o mesmo lugar de sujeitos no processo de ensino-aprendizagem. Nela, todos se encontram em posição de igualdade, e passam a ter a oportunidade de ver o outro, ouvi-lo e respeitar a sua opinião, de se emocionar com suas histórias.

No plano afetivo, as rodas de leitura contribuíram para o vínculo dos educandos entre si e com sua professora. A heterogeneidade do grupo, algo muito comum na EJA, deixou de ser um entrave nas relações interpessoais, e passou a enriquecer as trocas de experiências, principalmente entre os mais jovens.

Percebo que as rodas de leitura são a primeira oportunidade de contato com o texto literário que o jovem ou o adulto trabalhador tem após uma jornada cansativa e estressante de trabalho. Muitos relatam que gostariam de ter mais tempo para a leitura, mas que a jornada de



trabalho pesada, inclusive nos finais de semana, não lhes permitia. Eles chegavam a casa tão cansados que não conseguiam, por mais que quisessem, ler o que quer que seja.

Quando nos debruçamos sobre a leitura de um texto qualquer, possuímos um objetivo; toda leitura prevê uma finalidade. É o objetivo que temos a alcançar que fará com que um texto seja significativo, que tenha um sentido. É por esse motivo que dois leitores que se põem a analisar um mesmo texto o interpretam de maneiras distintas: tudo depende dos propósitos e conhecimentos prévios que cada leitor possui.

Toda atividade de leitura a ser desenvolvida pressupõe um sentido, um motivo que a possa reger. Para que um aluno se sinta envolvido e motivado na realização de uma prática de leitura, ele precisa conhecer os objetivos a que se propõe tal empenho. O professor, ao trabalhar com a leitura de um texto, deve deixar claro para os alunos os objetivos traçados e como pretende atingi-los, uma vez que é mais fácil a lembrança dos textos que possuam um propósito, uma finalidade, uma meta a cumprir (KLEIMAN, 2010). Por este motivo, a prática das rodas de leitura diárias é muito importante e deve ser muito bem planejada. Não é apenas abrir um livro qualquer e ler, mas buscar, na escolha das obras, os textos que possam trazer um sentido de vida para alunos.

Outro aspecto importante a se destacar é a apresentação da obra aos educandos. Antes da leitura do texto, é importante que se faça a apresentação física do livro e do trabalho editorial realizado, através da leitura da capa, contracapa e “orelha”; apresentar um breve histórico do escritor (muitos livros apresentam foto e biografia simples); falar do ilustrador da obra, se houver; comparar edições; mostrar todos os elementos paratextuais que possam existir. Essa é uma etapa muito importante quando a leitura é feita diretamente no próprio livro, porque traz uma visão mais ampla do que é lido.

A roda de leitura, geralmente, é realizada nos primeiros minutos da aula, uma vez que sua temática serve de enredo para toda a aula. A seleção dos materiais de leitura se dá através de textos que se aproximem dos contextos extraescolares, ou seja, de materiais que mantenham um diálogo com a realidade dos alunos, que sejam significativos, e que se achem ao máximo das práticas sociais de leitura dos educandos. Deste modo, se promove um diálogo com a proposta freiriana dos temas geradores, segundo a qual o professor deve investigar os temas que possam permear a realidade discente:

É importante reenfatar que o “tema gerador” não se encontra nos homens isolados da realidade, nem tampouco na realidade separada dos homens. Só pode ser compreendido nas relações homens-mundo. Investigar o “tema gerador” é investigar, repitamos, o pensar dos homens referido à realidade, é investigar seu atuar sobre a realidade, que é sua práxis. (FREIRE, 1987, p. 56)

É importante salientar, contudo, que essa escolha não fica restrita ao professor: os alunos têm liberdade para opinar, podendo trazer outros temas e textos e compartilhá-los na roda. Ainda que o professor opere neste contexto como leitor-guia, o que faz com que todos voltem sua atenção para ele, sua função é, primordialmente, mediar as leituras, abrindo espaço para a circulação do conhecimento. Paulo Freire dizia que “não há docência sem discência”. Segundo ele, “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Portanto, o professor precisa se colocar como alguém que tem muito a ensinar, mas, também, muito a aprender.

No entanto, é importante salientar que a escolha de se partir da realidade do aluno não implica em se deixar de apresentar outras possibilidades de leitura, outros caminhos, outras narrativas, outras realidades para além das deles. Trata-se de relacionar o saber popular e o erudito, criando uma ponte entre eles através do texto literário, apresentando aos discentes instrumentos para que possam ressignificar essas leituras de maneira crítica, na busca de sua autonomia e emancipação.

A fim de estimular as práticas de leitura para além das rodas desenvolvidas, buscando a promoção de uma prática pedagógica que tenha por objetivo a formação integral dos educandos, é importante se ampliar os sentidos do texto. Neste sentido, foi criada uma caixa de leitura, onde foram depositadas doações de livros literários e textos diversos, para que os educandos pudessem ter acesso sempre que desejassem. Deste modo, as pessoas tenderão a valorizar mais a leitura, à medida que dela fazem uso em suas práticas sociais diárias.

### **3.1. Minha experiência com as rodas de leitura em turmas da EJA**

Neste tópico, relatei algumas experiências vivenciadas nas rodas de leitura e demais atividades que desenvolvi junto aos alunos da EJA em aulas e oficinas que ministrei. Tal abordagem tem por objetivo trazer reflexões sobre os encaminhamentos e resultados do processo de conhecimento de si e do mundo através da leitura.

As experiências aqui relatadas foram desenvolvidas com alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental da EJA em uma escola municipal de Mesquita, na Baixada Fluminense. Muitos desses alunos se encontram em diferentes etapas do processo de alfabetização; ao passo que outros já estão alfabetizados.

Tais características permitem que se classifique esta turma como uma classe multisseriada, o que torna o já extenuante trabalho de alfabetizar mais desafiador e complexo.

Em alguns momentos, inclusive, foi possível perceber que alguns alunos ficavam ansiosos em aprender logo, principalmente os que ainda almejam adquirir um domínio mínimo que seja da leitura e da escrita. No entanto, o grau de companheirismo e a solidariedade da turma superavam as adversidades: os que apresentam dificuldades na realização das atividades foram auxiliados pelos mais experientes, o que enriqueceu muito nossos encontros.

Avançando nesta reflexão, torna-se importante destacar que leitura e escrita se complementam. Tratam-se de momentos inseparáveis e desafiadores, pois, ao mesmo tempo em que se estimula a linguagem oral pela troca de experiências e de pontos de vista, o educando é provocado a registrar seu pensamento e a refletir sobre os processos que envolvem o ato de escrever.

Neste sentido, atividades de escrita fizeram parte das rodas de leitura. Essa foi uma exigência grande por parte dos alunos, que demonstraram ter a necessidade de ver em seus cadernos o registro das leituras realizadas nas aulas. Por este motivo, e também para organizar nossas atividades, eram registrados diariamente, no caderno do aluno e no mural da sala de aula, a data, o título e autor da publicação lida, em como um pequeno texto coletivo resumindo a obra.

### 3.1.1 RODA DE LEITURA: Poema de Carlos Drummond de Andrade

Algumas rodas de leitura se estenderam para mais de uma aula. Geralmente, os alunos, através do interesse demonstrado pelo tema, propunham que pesquisas fossem feitas para aprofundamento do assunto abordado. Assim, outras atividades foram desenvolvidas, e outros textos apresentados para dialogar com o que foi compartilhado. Foi o que aconteceu com essa roda de leitura, que “desdobrou-se” em outros temas e que possibilitou a troca de experiências e a construção de condutas sociais críticas e criativas.

Nessa roda de leitura, apresentei aos educandos o poema *Eu, etiqueta*, de Carlos Drummond de Andrade (Anexo 1). Um dos objetivos iniciais para a escolha desse texto, para além de apreciarmos mais um dos belos poemas de Drummond (autor que a turma vinha conhecendo melhor nos últimos dias), era discutir a questão do consumismo, e de como as pessoas lidam com a imposição de um padrão de consumo.

Apesar do poema conter algumas expressões as quais os discentes desconheciam, como “premência”, “pérgulas”, “idiossincrasias”, entre outras, o texto foi muito bem recebido e compreendido pelos alunos. Aproveitamos a ocasião para buscar no dicionário o significado de

tais palavras, e assim entendermos melhor os enunciados. Ocorreu uma identificação grande com a temática, tanto que a discussão avançou no tempo da aula.

Neste momento de discussão, algumas questões colocadas pelos alunos me surpreenderam, como a “obsolescência programada”. Os educandos não usaram essa terminologia, mas colocaram essa questão ao perceberem a pouca durabilidade de certos produtos, e a intencionalidade que existe na produção de mercadorias.

No dia seguinte, percebendo o interesse dos educandos pela temática, levei para a roda de leitura charges que tratavam da questão do consumismo (Anexo 2). Algumas apresentavam o uso da linguagem verbal, outras, não-verbal, trazendo análises muito interessantes sobre o assunto. Lemos as charges, discutimos as várias possibilidades de interpretação, e fizemos um texto coletivo sobre nossas observações.

Esse trabalho com a charge demonstrou que a roda de leitura é uma oportunidade excelente para mostrar aos alunos a diversidade de gêneros textuais que existem, suas principais características e estrutura. Do mesmo modo, a redação de textos coletivos é muito produtiva, pois auxilia na interação da turma, favorecendo a aprendizagem sobre a escrita, através da reflexão dos processos de formação de palavras.

Como proposta de produção escrita para a exposição em nosso mural da sala de aula, decidimos em conjunto montar um “Alfabeto do Consumista”. Em forma de cartaz, cada aluno escreveu o nome de uma marca ou produto com a inicial de cada letra do alfabeto. Foi pedido que os alunos citassem as marcas ou produtos que mais utilizavam em seu dia a dia. Todos tiveram a oportunidade de escrever uma ou mais palavras. Construimos um texto coletivo, que nos possibilitou uma reflexão sobre a escrita, principalmente daquelas palavras de origem estrangeira.

Como já foi referido, como muitos discentes ainda se encontravam em processo de alfabetização, propus numa oficina (que ocorre todas as sextas-feiras, nesta escola), em que montássemos um alfabeto de rótulos e embalagens. Pedi, previamente, que os alunos trouxessem de suas casas rótulos e embalagens para compormos nosso alfabeto, que, por fim, tornou-se o alfabetário da turma, e que fica exposto num varal da sala de aula para que possa ser consultado, quando necessário.

### **3.2 Contribuições das rodas de leitura para a formação dos educandos**

Na semana de provas da escola, momento em que toda a EJA passa por dias de avaliações, achei pertinente fazermos uma roda em que cada aluno tivesse a oportunidade de

fazer uma “leitura” de todas as práticas realizadas naquele bimestre. Sendo assim, neste processo de autoavaliação, os alunos tiveram a oportunidade de refletir/avaliar sobre sua participação nas rodas e nas demais propostas desenvolvidas no período.

Esse momento foi muito proveitoso, porque possibilitou um retorno mais efetivo do trabalho realizado com os jovens e adultos. Eles também tiveram a oportunidade de relatar as contribuições, apontando, em suas falas, a relevância dessa prática em sua formação. Anotei, e agora transcrevo, algumas colocações dos alunos, suas críticas e sugestões para uma posterior reflexão:<sup>2</sup>

“A roda de leitura serve para unir as pessoas. Eu aprendi a gostar de ler, mesmo ainda não sabendo ler direito já me arrisco ler o dever de casa das minhas filhas”. (Maria, 32 anos)

“A roda nos ‘leva pra frente’, as ideias giram e a gente troca mais, aprende mais”. (Carlos, 16 anos)

“Na roda conseguimos olhar para todos. Eu era muito tímida e tinha medo de errar, agora, fiquei faladeira e não ligo se falo errado. Aqui estou aprendendo a falar melhor”. (Joana, 55 anos)

“Na roda sentimos que temos mais espaço, mais liberdade. Eu quero que a senhora leia mais poemas, eu gosto de poema”. (Inês, 48 anos)

“Na roda não há uma pessoa com lugar mais importante, todas as ideias circulam. Na troca, um ajuda o outro a crescer. Eu gosto de ajudar o colega com dificuldades, assim, eu também aprendo mais”. (Miguel, 35 anos)

“Eu gosto da roda porque a leitura ‘vira’ atividade de escrever e eu gosto muito de escrever. Escrevo bem, mas leio mal. Como pode isso?” (Isaías, 55 anos)

“Eu queria uma roda de leitura com música. Eu gosto de música. Toco violão, mas ainda não sei ler direito. Melhorei muito depois que vim pra escola”. (João, 17 anos)

“Eu tô muito feliz. Já consegui ler um versículo da Bíblia no domingo, lá na igreja. Li devagarinho e os ‘irmãos’ me ajudaram. A roda de leitura tá me ajudando nisso. As atividades são muito boas”. (Silvana, 38 anos)

“Eu trabalho em casa de material de construção como ajudante de motorista, teve um dia que o patrão foi almoçar e eu consegui fazer a nota do cliente. Ele queria cimento, aí eu fui lá onde ficam os cimentos e consegui ler “cimento” aí eu copiei para a nota. Quando meu patrão voltou eu mostrei pra ele e ele disse que eu tinha escrito certinho. Fiquei bem feliz. Aqui na escola, com as leituras estou aprendendo a ler as palavras”. (Paulo, 45 anos<sup>2</sup>)

“Eu não gostava de ler, no começo das rodas eu achava chato, mas hoje eu estou aprendendo a ler e não acho mais chato. Como estou aprendendo a ler passei a gostar desses momentos. Até comprei um livro na feira”. (Isadora, 18 anos)

Essas avaliações, em sua maioria positivas, demonstram que os educandos consideram as rodas de leitura importantes em seu aprendizado e as valorizam. Nessas falas, observamos que as rodas contribuíram muito nas práticas cotidianas dos educandos.

---

<sup>2</sup> Os nomes dos alunos são fictícios; a idade, não.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir desta experiência vivida com as rodas de leitura, reafirmo o meu entendimento de que ler não é uma atitude passiva, mas um processo em que se busca solucionar um conjunto de problemas que vão aos poucos sendo apresentados pelo texto; nesse âmbito, o educador precisa atuar como um facilitador dessas aprendizagens. Não se trata, pois, de “dar respostas”, mas de mostrar os caminhos para se chegar a elas.

Quando não se tem uma experiência forte de leitura, a figura do mediador (leitor-guia) torna-se imprescindível. A mediação é muito importante, porque a leitura é um processo de compreensão do mundo, e precisa de parceiros que possam partilhar ideias e experiências. Isso pressupõe “o reconhecimento óbvio de que nenhum de nós está só no mundo. Cada um de nós é um ser no mundo, com o mundo e com os outros” (FREIRE, 2003, p. 29).

Neste contexto, as rodas de leitura possuem um potencial enorme porque, por essência, estimulam a troca de experiências, permitem que as pessoas expressem de forma dinâmica, aberta e sincera suas questões e opiniões.

Para isso, há que se levar em conta que a qualidade do mediador é fundamental. Ele precisa ter sensibilidade e conhecer seu público para poder interagir com eles de maneira satisfatória, precisa também ter conhecimentos básicos sobre o que é compartilhado, precisa ser um leitor voraz, apaixonado.

Sua maneira de se posicionar na roda pode incentivar outras leituras, pois sua expressão corporal, sua entonação de voz, sua maneira de ler e encantar pode provocar nos outros o desejo de ler. O professor, enquanto mediador de leituras, precisa respeitar e valorizar as experiências que os educandos trazem para o contexto da sala de aula, pois é através delas que o educador encontrará elementos para subsidiar sua prática.

Por fim, espero que este trabalho tenha cumprido seu objetivo, em apontar as contribuições das rodas de leitura nos processos de letramento, buscando refletir em quais aspectos elas podem contribuir para o trabalho desenvolvido por professores em salas de aula da EJA.

#### **REFERÊNCIAS**

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17.ed. RJ: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. SP: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Moderna, 2003.

KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 13.ed. Campinas, SP: Pontes, 2010.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 4.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de Leitura*. 6.ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

## ANEXOS

### Anexo 1 - EU, ETIQUETA

Em minha calça está grudado um nome  
que não é meu de batismo ou de cartório,  
um nome... estranho.  
Meu blusão traz lembrete de bebida  
que jamais pus na boca, nesta vida.  
Em minha camiseta, a marca de cigarro  
que não fumo, até hoje não fumei.  
Minhas meias falam de produto  
que nunca experimentei  
mas são comunicados a meus pés.  
Meu tênis é proclama colorido  
de alguma coisa não provada  
por este provador de longa idade.  
Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro,  
minha gravata e cinto e escova e pente,  
meu copo, minha xícara,  
minha toalha de banho e sabonete,  
meu isso, meu aquilo,  
desde a cabeça ao bico dos sapatos,  
são mensagens,  
letras falantes,  
gritos visuais,  
ordens de uso, abuso, reincidência,  
costume, hábito, premência,  
indispensabilidade,  
e fazem de mim homem-anúncio itinerante,  
escravo da matéria anunciada.  
Estou, estou na moda.  
É duro andar na moda, ainda que a moda  
seja negar minha identidade,  
trocá-la por mil, açambarcando  
todas as marcas registradas,  
todos os logotipos do mercado.  
Com que inocência demito-me de ser  
eu que antes era e me sabia  
tão diverso de outros, tão mim mesmo,  
ser pensante, sentinte e solidário  
com outros seres diversos e conscientes  
de sua humana, invencível condição.  
Agora sou anúncio,  
ora vulgar ora bizarro,  
em língua nacional ou em qualquer língua



(qualquer, principalmente).  
E nisto me comparo, tiro glória  
de minha anulação.  
Não sou - vê lá - anúncio contratado.  
Eu é que mimosamente pago  
para anunciar, para vender  
em bares festas praias pérgulas piscinas,  
e bem à vista exibo esta etiqueta  
global no corpo que desiste  
de ser veste e sandália de uma essência  
tão viva, independente,  
que moda ou suborno algum a compromete.  
Onde terei jogado fora  
meu gosto e capacidade de escolher,  
minhas idiossincrasias tão pessoais,  
tão minhas que no rosto se espelhavam  
e cada gesto, cada olhar  
cada vinco da roupa  
sou gravado de forma universal,  
saio da estamperia, não de casa,  
da vitrine me tiram, recolocam,  
objeto pulsante mas objeto  
que se oferece como signo de outros  
objetos estáticos, tarifados.  
Por me ostentar assim, tão orgulhoso  
de ser não eu, mas artigo industrial,  
peço que meu nome retifiquem.  
Já não me convém o título de homem.  
Meu nome novo é coisa.  
Eu sou a coisa, coisamente.

(ANDRADE, Carlos Drummond. *Corpo*. Rio de Janeiro: Record, 1984)

## Anexo 2–Charges

Figura 1



Disponível em :<<http://culturasensacional.blogspot.com.br/2014/07/galera-separei-algumas-midias-como.html>>. Acesso em 12 Set. 2017.

Figura 2



Disponível em:<<http://greenlife2.zip.net/>>. Acesso em: 12 Set. 2017

Figura 3



Disponível em:

<[http://www.geografia.seed.pr.gov.br/modules/galeria/uploads/2/normal\\_471consumo.jpg](http://www.geografia.seed.pr.gov.br/modules/galeria/uploads/2/normal_471consumo.jpg)>. Acesso em: 12 Set. 2017.

Figura 4



Disponível em: <<https://eficienciaenergetica.blogspot.com.br/2016/03/charges-do-consumismo-2.html>>. Acesso em: 12 Set. 2017.